

cacau

JORGE AMADO



Posfácio de José de Souza Martins



Copyright © 2010 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.  
1ª edição, Ariel Editora, Rio de Janeiro, 1934

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Consultoria da coleção* Ilana Seltzer Goldstein

*Projeto gráfico* Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

*Pesquisa iconográfica do encarte* Bete Capinan

*Imagens de capa* © Edu Simões/ Caderno de Literatura Brasileira/ Acervo Instituto Moreira Salles; © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © Acervo Fundação Casa de Jorge Amado (orelha). Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

*Cronologia* Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

*Preparação* Leny Cordeiro

*Revisão* Ana Maria Barbosa e Carmen T. S. da Costa

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Amado, Jorge, 1912-2001.  
Cacau / Jorge Amado ; posfácio de José de Souza Martins.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1726-0

I. Romance brasileiro I. Martins, José de Souza II. Título.

10-07769

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Romance: Literatura brasileira 869.93

*Diagramação* Spress

*Papel* Pólen Soft

*Impressão* RR Donnelley

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br



## FAZENDA FRATERNIDADE

AS NUVENS ENCHERAM O CÉU até que começou a cair uma chuva grossa. Nem uma nesga de azul. O vento sacudia as árvores e os homens seminus tremiam. Pingos de água rolavam das folhas e escorriam pelos homens. Só os burros pareciam não sentir a chuva. Mastigavam o capim que crescia em frente ao armazém. Apesar do temporal os homens continuavam o trabalho. Colodino perguntou:

— Quantas arrobas você já desceu?

— Vinte mil.

Antônio Barriguinha, o tropeiro, pegou do último saco:

— Esse ano o home colhe oitenta mil...

— Cacau como diabo!

— Dinheiro pra burro...

Desamarraram os burros e Barriguinha tangeu-os:

— Vambora, tropa desgraçada...

Os animais começaram a andar de má vontade. Antônio Barriguinha chicoteava-os:

— Burro miserave... Carbonato, dianho, vambora...

Na frente, Mineira, a madrinha da tropa, chocalhava guizos. A chuva caía, um aguaceiro grande. A casa do coronel estava com as janelas fechadas. Honório, que vinha da roça, chalaceou com Barriguinha:

— Eh! Muié de tropeiro!

— Como vai, amásia do podador?

— Como vai tua mãe?

— A tua tá ficando frouxa...

A tropa, carregada de sacos de cacau, desaparecia na volta da estrada. Atrás, Antônio Barriguinha, forte e alto, amulatado, a tocar os burros com um chicote comprido.

Honório subiu a ladeira e cumprimentou Colodino:

— Bom dia.

— Um dia desgraçado. Chuva que não acaba mais.

E de repente, mudando de assunto:

— Já desceu vinte mil arrobas, Honório.

— Então Mané Frajelo tá contente.

— Se tá...

Honório sentou-se na pedra junto a Colodino, dando as costas ao armazém, que conservava as portas fechadas. Em frente, cercada por um jardim, lindo de jasmineiros e roseiras, a casa-grande da fazenda, de janelas azuis e varanda verde. Em cima uma tabuleta de um pintor barato:

do coronel Manoel Misael de Souza Telles

Honório riu um riso alvar, com seus dentes brancos, magníficos, que contrastavam com o rosto negro e os lábios grossos:

— Mané Frajelo.

— Mané Miserave Saqueia Tudo.

Honório cuspiu:

— Merda Mexida Sem Tempero.

Ficaram olhando. Como era grande a casa do coronel... E morava tão pouca gente ali. O coronel, a mulher, a filha e o filho, estudante, que nas férias aparecia, elegante, estúpido, tratando os trabalhadores como escravos. E olharam as suas casas, as casas onde dormiam. Estendiam-se pela estrada. Umas vinte casas de barro, cobertas pela palha, alagadas pela chuva.

— Que diferença...

— A sorte é Deus quem dá.

— Qual Deus... Deus também é pelos ricos...

— Isso é mesmo.

— Eu queria ver o Mané Frajelo dormir aqui.

— Devia ser divertido.

Colodino acendia um cigarro. Honório pegou da foicete de podar os cacaueiros e contou:

— A roça lá detrás do rio tá assinzinha de cacau. Um safrão.

— Esse ano, o homem colhe umas oitenta mil.

Nós ganhávamos três mil e quinhentos por dia e parecíamos satisfeitos. Ríamos e pilheriávamos. No entanto, nenhum de nós conseguia economizar um tostão que fosse. A despesa levava todo nosso saldo. A maioria dos trabalhadores devia ao coronel e estava amarrada à fazenda. Também quem entendia as contas de João Vermelho, o despenseiro? Éramos quase todos analfabetos. Devíamos... Honório devia mais de novecentos mil-réis e agora nem podia se tratar. Um impaludismo crônico quase o impedia de andar.

Assim mesmo partia às seis horas da manhã para podar as roças, depois de comer um prato de feijão com carne-seca. Era um tipo curioso aquele Honório. Preto, forte, alto, brigão, estava na fazenda há quase dez anos. Um bom camarada, capaz de se sacrificar pelos outros. Apesar dele dever muito, o coronel o conservava.

Diziam que ele já fizera algumas mortes a mando de Mané Frajelo. Não sei se é verdade. Sei que Honório era o melhor camarada desse mundo. Bebia cachaça pelo gargalo da garrafa e jamais foi visto embriagado. Mané Frajelo respeitava-o.

Mané Frajelo fora um apelido posto na cidade. Pegou. Um flagelo, de fato, aquele homem gordo, de setenta anos, que falava com uma voz arrastada e vestia miseravelmente. Manoel Misael de Souza Telles era o seu verdadeiro nome. Possuía mais de oitenta mil contos e as suas fazendas estendiam-se por todo o município de Ilhéus. Nós fazíamos contas à noite. João Grilo, magro como um espeto, mulato gozado, que contava anedotas, bancava o matemático. Sentava nas tábuas que lhe serviam de cama e, enquanto Colodino passava os dedos pela viola, fazia as contas:

— Oitenta mil arrobas, a doze e quinhentos, são...

— ...mil contos.

— É o que Merda Mexida Sem Tempero tem de lucro só em cacau.

Nós arregalávamos os olhos admirados. Mil contos... E nos pagava três mil e quinhentos por dia.